

Carta do Gestor / maio 2026

Internacional

Ainda sob o impacto do conflito no Oriente Médio, com as consequentes pressões sobre os preços da energia e dos alimentos, os mercados internacionais tiveram comportamentos desencontrados em maio. Enquanto os juros oscilaram com viés de alta, os mercados de risco recuperaram terreno nos países desenvolvidos. No Brasil, foi o inverso.

Na zona do Euro, a agência Eurostat divulgou que a taxa de inflação anualizada do consumidor se elevou dos 3,00% registrados em abril, para 3,20% em maio, ainda mais longe da meta fixada pelo Banco Central Europeu (BCE), que é de 2,00%. Também divulgou que a taxa de crescimento do PIB do primeiro trimestre de 2026, inicialmente calculada com alta de 0,10%, foi na verdade de queda de 0,20%. Já a taxa de desemprego na região avançou de 6,20% em fevereiro para 6,30% em abril.

Nos EUA, de acordo com o Departamento do Trabalho, a inflação anualizada do consumidor subiu dos 3,80% registrados em abril para 4,20% em maio, o maior patamar dos últimos quatro anos, por conta principalmente dos crescentes preços da energia. Além de estar muito distante da meta do FED que é de 2,00%. O Departamento do Trabalho também anunciou que em maio foram criados 172 mil novos postos de trabalho não rurais, quando se esperava cerca de 85 mil. A taxa de desemprego se manteve em 4,30%. Por sua vez, o Departamento de Comércio divulgou que a última estimativa do PIB do primeiro trimestre de 2026 apontou uma alta anualizada de 2,70%.

Na China, a inflação anualizada do consumidor se manteve em 1,20% pelo segundo mês consecutivo, apesar dos preços ascendentes da energia e alimentos.

No mercado de renda fixa, as taxas de juros dos títulos de dez anos do governo alemão, que iniciaram maio de 2026 no patamar de 3,03% a.a., encerraram o mês em 2,93% a.a. e os juros dos títulos de 10 anos do tesouro norte-americano, que no início do mês rendiam 4,38% a.a., subiram para 4,45% a.a. no final. Importante destacar que os juros longos dos EUA atingiram as máximas verificadas desde 2007. Quanto à bolsa norte-americana, medida através do índice S&P 500, a valorização em maio foi novamente significativa, com a alta de 5,15% e passou a acumular crescimento de 10,73% no ano.

Importante destacar que no mês que passou foi realizado o maior IPO (oferta primária de ações) da história. A Space X, fundada por Elon Musk captou US\$ 75 bilhões com a operação, o que acabou por levar o valor de mercado da empresa para US\$ 1,80 trilhão. A título de comparação, o segundo maior IPO da história foi realizado em 2019 pela companhia de petróleo saudita, Aramco, que captou “apenas” US\$ 25,60 bilhões.

Brasil

De acordo com o IBGE, a inflação do consumidor em maio de 2026, medida através do IPCA, apresentou variação positiva de 0,58%, enquanto a expectativa do mercado era de que se situasse ao redor de 0,53%. No ano passou a acumular alta de 3,20% e de 4,72% em doze meses, acima outra vez do teto da meta do Conselho Monetário Nacional que é de 4,50%. Os maiores responsáveis pela alta do índice em maio foram os grupos Alimentação e Bebidas, seguido pelo grupo Habitação.

No setor externo, a balança comercial do país teve em maio superávit de US\$ 7,82 bilhões e no ano acumulou saldo positivo de US\$ 32,66 bilhões. O dólar, por sua vez, se valorizou 1,37% frente ao real, acumulando queda de 8,10% no ano e de 10,59% em doze meses.

Quanto ao mercado de ações, o índice Ibovespa recuou 7,22% em maio e reduziu a alta no ano para 7,86%. O fluxo de capital estrangeiro para a B3 teve o expressivo saldo negativo de R\$ 14,90 bilhões sendo o maior fluxo negativo mensal em quatro anos e o primeiro em 2026. No ano, o saldo positivo de R\$ 43,78 bilhões ainda é bastante importante e inclui, além das transações em bolsa, as operações de IPO, bem como as de Follow-On (oferta secundária de ações).

Em relação ao mercado de crédito, de acordo com o documento Estatísticas Monetárias e de Crédito, divulgado mensalmente pelo Banco Central do Brasil, o saldo das operações de crédito do Sistema Financeiro Nacional – SFN somou R\$ 7,20 trilhões em abril de 2026, com alta de 0,30% no mês. Houve queda de 0,10% nas operações de crédito com pessoas jurídicas, que alcançaram R\$ 2,70 trilhões e avanço de 0,60% nas operações com pessoas físicas que totalizaram R\$ 4,60 trilhões.

Perspectivas Cenário Macro

Em junho ocorrerá nova reunião do banco central norte-americano, o FED, e embora as expectativas sejam de manutenção das taxas de juros na faixa entre 3,50% e 3,75% a.a., por conta dos altos preços da energia e da forte criação de empregos em maio, uma elevação das taxas não pode ser descartada. Será a primeira reunião comandada por Kevin Warsh.

No Brasil, o Comitê de Política Monetária do Banco Central, o Copom, se reunirá nos mesmos dias em que ocorrerão as reuniões do FED e uma nova redução da taxa Selic deverá depender da evolução dos acontecimentos até a data. O mercado vê o ciclo de queda dos juros perto do fim e acredita que apenas uma nova redução de 0,25 ponto percentual deverá ocorrer.

Além do comportamento da inflação, a questão fiscal segue trazendo grandes preocupações para o país. O déficit fiscal anualizado do setor público (União, Estados, Municípios e empresas estatais) até março último superou R\$ 1,20 trilhão, o maior já registrado. O saldo negativo das contas públicas subiu 28,40% em um ano e voltou ao patamar da pandemia do Covid-19. Foi o nono mês seguido do crescimento do saldo negativo. Dois fatores contribuíram para a alta do déficit nominal, os gastos com os juros da dívida e o saldo negativo entre receitas e despesas primárias. Assim, a prática de uma política monetária mais flexível ainda é algo distante.